

RECADO DE PARIS

PARIS, julho — Escrevo no fim de julho — quando Paris a mais amável das cidades, começa a ficar insuportável. Começam as férias. Para dizer a verdade elas começam antes, em princípios de julho. Então já acontece que a gente faz um programa na base de uma "botte" qualquer — e a última hora fica sabendo que ela está fechada ou que a artista mais interessante já partiu para uma praia distante. Pouco a pouco as coisas vão se agravando — e no fim do mês se precipitam.

Minha ruasinha em St. Germain entra em "panne". Primeiro foi uma perfumaria, depois duas ou três lojas de antiguidades, logo um pequeno restaurante onde, por 400 francos, ainda se podia usufruir um almôço tolerável com meio tinto e o claro sorriso e a voz musical da filha da patrão.

Agora as duas lavandarias avisam de que este é o último dia em que aceitam roupa. No fim desta semana será a debandada quase pânica para o mar ou a montanha, para a Itália ou as Baleares, para qualquer buraco nas vizinhanças de Paris, uma aldeola que, apesar de seu jeito de subúrbio, faz um esforço penoso para assumir ares de "campagne". E não são apenas essas portas que fecham em nosso nariz — são também os amigos que sômem. Os bars do Boulevard estão abertos — mas as turmas habituais se desfalcam e se evaporam. A húngara que bebe "pastis", por onde andarão boiando agora seus lentos olhos esverdeados? Os amigos telefonam (ou não) e partem depressa, numa espécie de aflição. "Ainda tenho um lugar no meu carro", diz um, e o outro quer saber se deve comprar liras, aonde se toma o trém, como pode fazer para continuar a receber cartas, e esse negócio de visto, e quanto custa um hotel na Holanda.

Partem — e nos bombardeiam de cartões postais rápidos e alegres. Os que ficam estão aflitos, hesitam, sentem-se mal em ficar. O mês de agosto avança em nossa direção — é um monstro, cujo nome os franceses pronunciam como se fôsse um bicho papão ou uma besta antidiluviana, o "muadú", ou "muadut".

Há uma certa doçura em ir ficando — e às vezes, pelas 9 da noite, na beira do Sena, tomando um vinho branco bém gelado e bém seco enquanto ao lado se fala inglês e sueco, e bebendo com os olhos essa luz de ouro e leite que o céu imenso derrama sobre as águas, e as árvores e as casas — a gente pensa que, afinal, nada pode haver de mais belo e bom. Mas a nossa amiga parte depois de amanhã, com a família, para uma vaga aldeia de montanha — e apenas disfarça essa traição dizendo que não pôde deixar de ir.

— E você, que fica fazendo em Paris?

— Nada.

· O que é uma doce coisa para se fazer em Paris.

12.8.54. B.